

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

4-1-1989

1989 Vol. 44: A formação espiritana hoje

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1989). 1989 Vol. 44: A formação espiritana hoje. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/47>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

A formação espiritana hoje

Este documento sobre a FORMAÇÃO inicial ou de base convida-nos a uma procura e um diálogo, a fim de em conjunto aprofundarmos este aspecto essencial da nossa animação.

O Conselho Geral entregou a preparação do "dossier" aos dois Conselheiros encarregados da Formação. Em seguida, em conjunto, discutiu o conteúdo. As reflexões seguintes são ainda fruto de uma troca de ideias com um grupo de dez formadores, tendo em conta um primeiro projecto por escrito.

O Conselho Geral espera que as numerosas reacções, vindas de toda a Congregação, o ajudarão a melhor fixar, nos documentos futuros, o "dynamismo e a unidade" da Formação Espiritana. (Cf. R.V.E. 106).

I. Iniciarão a sua missão no ano 2.000

a) - Dentro cerca de dez anos... chegaremos ao terceiro milénio. Os jovens, que actualmente iniciam a sua formação, começarão então o seu ministério. Qual o ideal religioso missionário espiritano nessa altura? Como se preparam, então, a viver conosco?

De acordo com o que verificamos quanto aos projectos dos formadores e aspirações dos jovens, à luz da nossa Regra de Vida, poderemos desde já dizer o seguinte:

O Espiritano, no ano 2.000, comprometer-se-á sempre no sentido de partilhar os sofrimentos e as esperanças dos pobres. Em particular, terá aprendido a estar próximo das pessoas e dos grupos abandonados. De facto, o mundo actual cria-os cada vez mais: os emigrantes e os refugiados, os jovens e os abandonados devido à urbanização... todos os que ainda não ouviram (ou pouco) a Boa Nova. O jovem espiritano trabalhará com eles, saberá analisar as causas morais e sociais dos seus sofrimentos. Será iniciado na educação, ciências sociais e a defender a integridade da Criação. Comprometer-se-á com coragem e discernimento na mudança das estruturas injustas.

Que barreiras continuará a ultrapassar? Não são apenas os limites geográficos...: nas sociedades multiraciais e pluralistas, saberá o espiritano evitar as armadilhas de um racismo que o medo tornará talvez mais ameaçador. Preparar-se-á

a correr riscos num diálogo e num ecumenismo, que para merecerem crédito, implicarão cada vez mais competência, escuta humilde e fé autêntica.

Terá assumido e relativizado a própria cultura. Deste modo, fará todo o possível para entrar em "simpatia" com a dos outros. Discípulo da "fraternidade" do Reino, será, por toda a parte, um construtor de comunidades. Terá consciência que este projecto evangélico não pode, de modo algum, descurar um conhecimento razoável das leis que regem a vida dos grupos.

Como espiritano, viverá cada vez mais isolado, sabendo construir quer uma comunidade local, quer uma comunidade regional. Estará muito próximo dos seus irmãos. Será feliz, porque aprendera a discernir os sinais do Reino no mundo de hoje.

Esta imagem global do espiritano encontra-se registada na nossa Regra de Vida. Jovens, formadores, missionários nos diversos locais dão as mãos, a fim de alcançar um ideal no qual se reconhecem.

Resta-nos agora pôr em marcha a "fidelidade criativa", de que nos fala a nossa Regra de Vida. É um desafio para as nossas vidas pessoais, os nossos compromissos missionários e comportamentos religiosos e comunitários. É ainda um desafio aos nossos programas e métodos de formação: chegou a hora de tirar conscientemente todas as consequências das opções que, em conjunto, fizemos.

Felizmente, mesmo se há ainda muito a fazer, são numerosos os sinais que manifestam o dinamismo da nossa formação.

b) - Comunidades de formação em construção

A imagem do espiritano, que acabamos de traçar, é uma realidade actualmente em muitas comunidades de formação espalhadas pelo mundo: a sua própria diversidade constitui já um sinal de adaptação e de vida. Os espiritanos são conhecidos como "construtores". É, sem dúvida, uma prova de realismo: poderá uma comunidade viver sem um lugar para acolher? Desde então, alguns jovens bateram à nossa porta, casas de formação se edificaram um pouco por toda a parte, quer no hemisfério Sul, quer no Norte. E estas construções não são apenas materiais.

Estabelece-se, nas antigas províncias, uma colaboração regional: noviciados internacionais; programas de acompanhamento para os estágios; mês de preparação para a "Consagração definitiva ao apostolado", eis alguns frutos desta colaboração. Há, cada vez mais, vontade de trabalhar em conjunto, ultrapassando as fronteiras. Idêntico dinamismo se encontra nas experiências de formação interinstitutos.

O problema principal destas províncias é o das vocações. Porquê no Ocidente, outrora missionário, existem tão poucas vocações? Será o peso do passado, onde colonização e tarefa missionária são vistas como tendo muitas vezes caminhado a par e passo? E contudo, nos antigos países cristãos, surgem "comunidades novas", também elas missionárias, que se comprometem em algo inesperado, interessam e falam aos jovens! Em 1989, teremos 166 jovens da Europa e da América do Norte, a fim de vivermos a vocação espiritana. Estimulam-nos a ter confiança no futuro. Tendo a audácia e a solidariedade dos pobres, as antigas províncias terão de ter imaginação. Responsáveis por um ideal a transmitir aos jovens, não deveremos ser tão hábeis como os que "pertencem e este mundo"?

Nas jovens províncias e fundações os efectivos continuam a aumentar: os estudantes do Hemisfério Sul constituem actualmente três quartos dos jovens professos da Congregação. Muitos fazem uma experiência de interculturalidade desde que chegam até nós. Fazem-se diligências no sentido de uma melhor inculturação da nossa vida religiosa e sobre a renovação da vocação de Irmão.

O primeiro centro universitário espiritano da África, a "Spiritán School of Theology" (SIST) de Enugu - Nigéria, foi inaugurado oficialmente no dia 10 de Dezembro de 1988. A nova Província da África de Este prossegue uma frutuosa colaboração no consórcio de Nairobi.

Os primeiros missionários provenientes das fundações estão agora a trabalhar e a sua experiência pode já servir como ponto de referência aos que se seguirão.

Tomando hoje o seu lugar na Missão, terão de encontrar o seu modo próprio de anunciar a Boa Nova e de manifestar a sua solidariedade com os pobres.

c) - É possível uma formação intercultural?

Ao acolher estes jovens que batem à sua porta, a Congregação torna-se cada vez mais "multicultural". Com as nossas diferenças, não seria ainda mais enriquecedor multiplicar, em certas etapas da formação, os lugares que reúnam formadores e estudantes de diferentes culturas? No momento, as nossas estruturas de formação são tão diferentes que a prática da "internacionalidade" é ainda difícil. Isto não acontece apenas devido às diversas culturas, mas também por causa das diferentes "filosofias" da formação: umas mais directivas, outras associando mais os estudantes ao processo da elaboração da formação; umas mais dedutivas, outras mais indutivas, mais cuidadosas em chamar a atenção para a experiência, os estágios, etc.

Não se trata de queimar etapas ao uniformizar; é, ao menos, o momento para abrir um diálogo colocando-nos a seguinte pergunta: que tipo de unidade queremos dar à formação espiritana?

II. Rumo a que unidade da formação espiritana?

1 - Atentos aos acentos actuais da nossa vocação

No seguimento dos nossos Fundadores, a R.V.E. fundamenta a unidade da nossa vida numa concepção da "Vida Apostólica", pela qual nos identificamos a Cristo e à Sua missão. Para nós, os valores da vida religiosa ou comunitária, assim como os do nosso apostolado, integram-se no dinamismo desta consagração. Estes valores desenvolvem-se desde o início da formação, de acordo com os acentos, que são sempre objecto de procura e de conversão.

Salientamos três acentos da Missão aos quais damos uma particular importância; como é que a formação prepara a vivê-los?

a)- A solidariedade para com os pobres e os oprimidos é o primeiro modo de partilhar o projecto que Jesus recebeu do Pai (Lc.4,18-19; R.V.E., Cap. 1). Será possível, dizia-nos um Mestre de Noviços, que espiritanos, vindos muitos de meios populares, se encontrem obrigados, pela formação, a voltar costas à pobreza?

Um contacto real com os pobres, ao longo da formação, não é o melhor meio de escutar o seu apelo como Cristo o escuta? Não terão eles a ensinar-nos também o verdadeiro sentido da ascese, de desinstalação num mundo que aliena o homem? Será necessário, para isso, colocar as nossas casas de formação nos arredores ou no meio dos pobres? Alguns optaram por correr este risco, o que tem as suas vantagens e os seus inconvenientes. Seja qual for a resposta, devemos encontrar os meios em ordem a uma solidariedade, uma proximidade realista e concreta. É, na verdade, já um (meio) o aprender a viver com "budget" limitado; o submeter-se à lei do trabalho manual; o analisar as realidades do meio em que se vive (programas "Justiça e Paz"), etc.

b)- Viver a missão com todos os membros do povo de Deus

A este respeito, numerosas questões continuam sem resposta:

Como é que a formação leva a reconhecer e recorrer aos carismas dos fiéis? Como é que a formação prepara a promoção de um novo tipo de Igreja na qual todos são "povo de Deus", homens e mulheres, sacerdotes e leigos? Como orientar uma formação na qual os leigos são parte importante, quer formando-se conosco, quer contribuindo eles na formação?

A abertura actual da Congregação às diferentes formas de associação com leigos é uma graça que poderá ajudar neste estudo.

- c)- Um dos aspectos fundamentais da nossa missão consiste no permitir a incarnação de Cristo nas diferentes culturas. É aqui que a nossa formação encontra a justificação para uma necessária diversidade. Esta habitua-nos a relativizar os sistemas, que parecem universais e "imutáveis", tornando-nos abertos e tolerantes, tendo ao mesmo tempo instrumentos sólidos de análise e de comparação. Os formadores insistem na necessidade de estarmos, antes de mais, à vontade na sua própria cultura. Como conciliar esta exigência com a de uma abertura progressiva ao encontro intercultural? A aprendizagem da distância crítica em relação à sua própria cultura (e a toda a cultura que domina) é em si tarefa difícil. Devemos ter em comum um certo número de instrumentos de análise e de discernimento, a fim de sermos capazes, graças a eles, de nos adaptarmos à diversidade das culturas. No mundo em que vivemos, as culturas são cada vez mais variadas, evolutivas e complexas. Temos o cuidado de trabalhar com as Igrejas locais, incluindo quanto diz respeito aos métodos de formação à Missão. Isto deveria ser uma característica importante da nossa vontade de inculturação.

2 - Qual é o papel da experiência apostólica na nossa formação?

A integração da experiência apostólica tem necessidade de ser melhor compreendida e realizada; supõe um mínimo de opções comuns.

Descobrimos cada vez mais a necessidade de fundar a nossa espiritualidade, nossa teologia e experiência da missão, referindo-nos às condições concretas da missão. Há, pois, uma ligação muito directa entre compromissos apostólicos e formação (o êxito da formação permanente dependerá em seguida desta aptidão adquirida em tirar lições da experiência). Trata-se de fazer progressivamente a síntese da nossa vida sobre o que constitui o essencial da nossa identidade. A formação, em todo o caso, não se pode limitar à aquisição de conhecimentos académicos.

a)- Os estágios de longa duração

A maioria das circunscrições pensa que a integração dos diferentes aspectos da vida espiritana necessita, durante a formação, de um estágio apostólico de dois ou três anos.

Alguns colocam este estágio antes do noviciado e insistem no seu papel no discernimento da vocação.

A maioria coloca o estágio depois do noviciado, antes ou mesmo durante a teologia.

Em todos os casos, podemos distinguir:

Antes do estágio, o que permite uma preparação adequada: antropológica, teológica e espiritual. O estágio propriamente dito, que permite comprometer-se numa vida apostólica formadora, conferindo-lhe um método de análise pessoal, social e teológico da experiência. Implica a presença dos "que acompanham" este estágio: comunidade que acolhe, pessoas designadas no local e em contacto com os formadores. O após estágio proporciona não só o aprofundar dos frutos desta experiência; é ainda uma nova maneira de saber administrar, psicologicamente e espiritualmente, o "choque cultural".

O estágio, em todo o caso, não pode ser um simples parêntesis na formação, deixada a iniciativas mais ou menos empíricas.

Pensamos que todo o espiritano deveria ter tido a ocasião, durante a sua formação, de fazer um estágio numa outra cultura (o que não significa sempre um outro país) com a aprendizagem de outras línguas.

b)- As actividades apostólicas durante os estudos

Durante os próprios estudos, ainda se o tempo reservado ao apostolado é limitado, a importância do enraizamento numa realidade e a experiência deveria ser uma característica comum da formação espiritana. Isto realiza-se através das actividades pastorais diversas e pela inserção numa comunidade eclesial ou humana concreta; esta inserção permite desempenhar um papel activo na co-

munidade, onde partilha a reflexão apostólica, o ministério e a oração. O apostolado é vivido ao mesmo tempo como um compromisso da comunidade de formação e não só do indivíduo.

3 - Para que a nossa vida e actividade sejam "de Cristo" (cf. R.V.E.101)

A cultura que nos rodeia leva-nos a fazer uma avaliação de todo o compromisso, em função do resultado e da eficácia. Verificamos que a formação não se limita a "produzir" bons técnicos do apostolado. Os nossos encontros com os jovens, a participação em tempos fortes como as profissões ou ordenações, as visitas às comunidades de formação o confirmam. O que é prioritário? A disponibilidade ao dom gratuito de Deus, o desejo de participação no Mistério Pascal, fonte do acontecimento do Reino. Talvez haja ainda caminho a percorrer, para que estas disposições se fixem numa vida pessoal e comunitária, ainda mais significativas da nossa "consagração apostólica". Apresentemos duas condições para este enraizamento:

a) - Progredir na compreensão dos nossos votos

Falamos aqui dos votos apenas como ponto de referência. Digamos, ao menos, o seguinte:

O modo como as comunidades de formação proporcionam a descoberta típica espiritana de viver a Castidade, a Pobreza e a Obediência é factor decisivo na aprendizagem de uma visão comum da Missão.

A Castidade pode progredir durante a formação graças especialmente às relações comunitárias e apostólicas. Uma castidade vivida positivamente leva-nos a um não fechar-se numa perspectiva puramente intelectualista e voluntarista. Por outro lado, somos homens de "relação", capazes de "compaixão", bondade e coração. Poderia acontecer, durante a formação, o perigo de preparar personalidades cerebrais, "invulneráveis" quanto à amizade, incapazes de reciprocidade e colaboração. É ponto assente que uma formação, que tem em conta a dimensão afectiva, afronta um desafio novo e difícil: o que está em causa é a possibilidade de assumir plenamente a opção do celibato pelo Reino.

A Pobreza não é um sonho sentimental: constitui hoje um dos grandes desafios do nosso tempo. É antes de mais, com Cristo, solidariedade concreta com os pobres até ao dom total da vida. Já falámos acima da sua importância, que aliás foi muito acentuada pelos nossos Fundadores. Segundo Libermann, só com uma pobreza sincera poderemos merecer a confiança dos pobres. Há ainda muito trabalho a fazer no sentido de descobrir uma maneira espiritana de viver a pobreza e que corresponda às exigências do nosso tempo.

A Obediência espiritana alicerça-se na nossa disponibilidade à diversidade da Missão. O desenvolvimento da vocação pessoal de cada um realiza-se na identificação com a vida do Instituto e de toda a Igreja, de que somos cada vez mais "solidários". O nosso projecto de vida espiritano, reenviando-nos incessantemente para a nossa comunidade religiosa e ao serviço de comunidades humanas diferentes, cria em nós o hábito de sairmos de nós próprios. Por outro lado, obriga-nos a um situar-se em referência a diversos lugares complementares de discernimento. Ainda aqui, como nos preparamos a ultrapassar as tensões que daí podem resultar e a viver como espiritanos uma obediência verdadeiramente apostólica?

b) - Atentos à vida das pessoas

A unidade do "ser espiritano" constrói-se progressivamente segundo etapas, que é necessário respeitar, e no mistério de uma caminhada pessoal, que necessita de ajuda e discernimento.

i) - Etapas a respeitar

As etapas da nossa formação seguem as que são propostas pela Igreja, tendo em conta toda a riqueza e a reflexão efectuada depois do Concílio. Temos interesse em colaborar com os outros Institutos e com os Seminários locais, a fim de me-

lhor precisar e harmonizar ainda estas etapas. Existem "directórios" ou "caminhos de formação" que poderemos considerar, adaptando-os à nossa vocação específica e às diversas situações.

- Antes do noviciado, estaremos atentos quanto à procura dos fundamentos da unidade da pessoa, bem como na aquisição das qualidades humanas do apóstolo. O candidato aprofunda o seu chamamento e verifica se corresponde ao carisma espiritano. Em numerosas circunscrições este antes do noviciado é uma realidade nova: como procurar em conjunto, a fim de melhor definir as linhas de força deste período ou etapa?

- O acento, no noviciado, coloca-se mais na dimensão teológica da vida, em Deus que consagra e envia para a missão. O noviciado espiritano termina com uma verdadeira consagração ao apostolado, o que lhe confere a sua particularidade.

Uma partilha e um aprofundamento do sentido que damos a esta etapa essencial da formação é particularmente urgente.

- A teologia (ou "depois do noviciado" para os irmãos) corresponde de qualquer maneira à nossa formação profissional de apóstolos (leigos ou clérigos). Nesta etapa coloca-se o acento na missão da pessoa consagrada.

Para que tudo funcione nesta etapa serão benéficos os encontros regionais de formadores. É nesta etapa que se poderão tentar mais facilmente as experiências de formação internacional.

ii)-Um "acompanhamento" que permita a unificação da vida

As etapas da formação não têm outra finalidade a não ser a de construir progressivamente a unidade da pessoa, para que responda o melhor possível à sua vocação no Instituto. Em cada uma destas etapas se procurará uma ligação muito específica entre apostolado, reflexão teológica, vida espiritual e vida de comunidade.

De facto, não será fácil, para o candidato, realizar uma tal integração. Encontrará dificuldade sozinho em fazer uma ligação, atendendo às experiências tão diversas na oração, nos cursos, no trabalho apostólico e na comunidade. Muitas vezes os professores ou outras pessoas que encontra na formação, não têm a ocasião de um encontro. Daí a importância, para o jovem em formação, de ter "acompanhadores" que o ajudem numa tal integração.

Entre os que orientam, o "director espiritual" tem um lugar particular e indispensável. Ajuda a discernir os laços profundos que existem entre todos os elementos de uma formação tantas vezes muito complexa. A conversão não é ao mesmo tempo espiritual, moral e intelectual? Ele ajuda ainda cada um a discernir o mistério próprio da sua vocação: um caminho único ao qual o Espírito convida o espiritano a comprometer-se e onde se compromete com a sua liberdade e disponibilidade.

Os formadores de várias regiões colocaram esta questão do acompanhamento como uma prioridade dos seus trabalhos. Será interessante uma partilha das conclusões sobre este assunto.

III. A formação dos formadores: uma urgência missionária

Para assumir plenamente a sua "missão" na formação, os formadores pedem, com razão, o tempo para se prepararem e uma formação permanente específica. A preparação é, antes de mais, uma experiência apostólica suficientemente longa. Esta terá permitido ao formador, na sua própria vida, uma integração de todas as dimensões essenciais da vida espiritana. A preparação consiste ainda na planificação, com bastante antecedência, da formação universitária de confrades nas mais diversas disciplinas. No momento, face à multiplicação dos lugares de formação, respondemos precisamente às necessidades. Um primeiro trabalho a fazer seria uma avaliação quanto ao número de confrades que se prepararam para a formação, mas que nela não estão comprometidos. Ainda o número de confrades que trabalham na formação, mas têm necessidade de um tempo suficiente para adquirir esta ou aquela qualificação.

Os estudos não bastam. Ser formador é também um "trabalho" que exige um longo investimento pessoal e para o qual existem, em numerosos países ou igrejas, meios de formação que não conhecemos suficientemente. É desejável que as regiões espi-ritanas se organizem, a fim de propôr uma formação permanente apropriada aos orien-tadores espi-ritanos. Como adquirir um melhor conhecimento da espiritualidade espi-ritana? Como situar este conhecimento na investigação actual da teologia da missão, da vida religiosa e comunitária? Como preparar os formadores a exercerem a sua "missão" numa situação transcultural e internacional?

Quanto ao Conselho Geral, deseja ajudar nesta formação permanente, bem como no "dinamismo" e na "unidade" da formação espi-ritana, propondo diferentes tipos de encontros. Estes encontros deveriam permitir melhor compreender, determinar e aplicar as grandes orientações da nossa Regra de Vida, confrontando-as com as situações concretas. Os Mestres de noviços encontrar-se-ão, em Dublin, durante o mês de Julho de 1989. Haverá, em Julho de 1991, uma sessão de representantes de formadores de todas as regiões espi-ritanas. A agenda será estabelecida, no ano de 1990, tendo em conta as aspirações manifestas por essas regiões.

Através destes encontros e todas as iniciativas que poderão eventualmente suscitar, graças também às vossas reacções face às questões colocadas neste ID, continuaremos no caminho que a Regra de Vida já iniciou. O futuro do nosso tra-balho na Missão e, sem dúvida, o entusiasmo de tantos jovens que se juntam a nós, disso dependem.

Redigido pelo Conselho Geral (tradução do P. Manuel Durães Barbosa).

Serviço de Informação C.S.Sp., Clivo di Cinna, 195 - 00136 ROMA (Italia).

